

# CADERNO

JORNAL DO  COMMERCIO

Recife, 10 de Maio de 1997 SÁBADO

# Uma universidade autenticamente pop

FERNANDO MENEZES

A primeira idéia, no meado dos anos cinquenta, era a Universidade Popular. Um aprendizado duplo, dos artistas e intelectuais com os meninos de rua e o povo, e de todos com eles. No rescaldo de tudo a preservação dos nossos hábitos, costumes, habilidades, cultura enfim. Só depois veio o Movimento de Cultura Popular, denominação que o próprio prefeito Miguel Arraes escolheu, após ouvir uma explanação de Germano Coelho, a respeito de algo semelhante que ele viu em Paris, o Movimento Povo e Cultura. O MCP, portanto, foi a universidade popular, com um peso ideológico que a tornou fascinante e ao mesmo tempo rejeitada e combatido pelas elites. Quase certamente a alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire, que ensinava pela via crítica da realidade do povo menos favorecido, é que assustou a elite.

Para alguns dos seus fundadores e militantes, quase quarenta anos depois ainda não se fez uma avaliação segura do que foi o MCP. E mais, ainda não se pode dizer o quanto o movimento teria favorecido nossa cultura e promovido a massa de analfabetos se os militares não o tivessem implodido. A dívida nasce das sinais de uma luta que já se tornava evidente, entre os que desejam auferir lucros políticos e os puros, os que desejam apenas a promoção da cultura popular. Mas, pelo menos num ponto todos concordam, a cultura popular carece de uma ação que a preserve e divulgue, uma ação que nos defenda da progressiva perda da nossa identidade cultural. E foi assim, o nascimento, crescimento e morte do MCP, na visão de três dos seus mais importantes militantes.



1968. Foi Germano Coelho quem sugeriu o nome do MCP ao mencionar para Arraes o Movimento P

# Um sítio conquistado para plantar cultura

FOTOS: BANCO DE IMAGENS

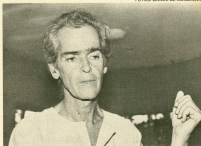
Os setores foram loteados entre os vários militantes

Continuação da página 1

A primeira idéia já vinha dos tempos do governo Barbosa Lima. No Atelier Coletivo, de Abelardo da Hora, Hélio Feijó e Delson Lima e mais Abelardo, sonhavam com as Casas de Arte, um embrião da Universidade Popular, ou seja, levar diretamente ao povo educação e apreender com ele a cultura popular e preservá-la. Quando Felópidas Silveira desapropriou o Sítio da Trindade, ali na estrada do Arraial, a idéia foi de montar um Parque de Cultura, que Gilberto Freyre sugeriu chamar-se Parque de Cultura do Arraial Velho, alusão à resistência ao holandês invasor. Começa a nascer o MCP.

Quando Miguel Arraes assumiu a prefeitura designou Abelardo da Hora diretor de Parques e Jardins e deu-lhe carta branca para trabalhar o sítio e outros espaços. Abelardo montou então as Praças da Cultura, lá mesmo em Casa Amarela, na Várzea, em Beberibe e em Santo Amaro, além da Torre. E eram elas a própria universidade popular, com oficinas de arte, dança, artes plásticas e teatro, além de educação para crianças e adultos, em três turnos.

A chamada esquerda católica, à frente Germano Coelho, aliou-se ao projeto de gestão popular de



**BATUTA** Geraldo Menucci foi o responsável pela música no MCP

Miguel Arraes. Germano regressara de Paris e tinha a idéia de fazer aqui algo como o Movimento Povo e Cultura, que viu funcionar em Paris. Arraes escutou tudo e sugeriu que aqui se chamasse Movimento de Cultura Popular e entregou a direção a Germano Coelho. Dividido em departamentos específicos o MCP nasceu da vontade de Abelardo da Hora (Artes Plásticas), Geraldo Menucci (Música), Luis Mendonça (Teatro), Flávia Barros (Dança), Nelson Xavier (Cinema) e Maria de Jesus Costa (Arquitetura). Foram estes os pioneiros, fundadores. Maria de Jesus participou decisivamente com Abelardo na montagem do MCP, como assessora de Arraes. E aqui uma alusão toda especial: O setor de Educação, entregue ao

grupo da esquerda católica, formado por Germano e Norma Coelho, Paulo Freire, Paulo Rosas, Anita Paes Barreto, Maria Antonio MacDowell e Silke Weber.

E foi precisamente este núcleo que assistiu a elite conservadora. Paulo Freire elaborou seu método de alfabetização/conscientização de adultos, que se baseava na realidade de vida do analfabeto carente. O sucesso-rápido permitiu votos amplos ao trabalho de Freire e sua equipe. Em breve o método estava na Bahia, e em Natal o prefeito de esquerda Djalma Maranhão usava a cartilha na sua campanha. *De pés no chão também se aprende a ler.* Quando a ação já se espalhava por toda a região, veio o golpe de 64 e o MCP foi destruído literalmente.



**CAMINHO**  
Abelardo da Hora continua acreditando que as entidades oficiais devem ir às ruas saber o que o povo sabe e atender às suas necessidades

## *Divergências administrativas levaram ao fim do movimento*

**N**a opinião da maioria dos militantes e fundadores do MCP, o peso ideológico tanto servia para impulsionar o movimento como o atirou na cara da elite, que na primeira oportunidade simplesmente o destruiu. Abelardo a Hora acha que "o governo era popular e naturalmente fiel aos interesses dos mais humildes, não havia outro caminho". Mas, antes mesmo do golpe já era clara a divergência interna. O professor Paulo Rosas diz que em 1964 o MCP "enfrentava uma crise decorrente do conflito entre os que objetivavam resultados políticos imediatos e os que pensavam em primeiro plano na elevação cultural do povo".

Mas, seja como for, o MCP cumpriu seus objetivos vitais, o de "pro-

mover a educação de crianças e adultos e o de formar quadros destinados a interpretar, sistematizar e transmitir os múltiplos aspectos da cultura popular", conforme seus estatutos, artigos 1 e 5. A herança que o movimento deixou é nobre. Não são poucas as figuras do cenário das artes plásticas, do teatro, seja criação ou interpretação, da educação e da música que receberam direta influência do MCP.

No momento nossa cultura popular enfrenta o assédio feroz de costumes e sobretudo das culturas estrangeiras ou dos estados do centro/sul, a tal globalização que se faz pela TV. Muitos consideram que nos faz falta uma ação sistematizada, só para unir os que se esforçam para preservar nossa cultura regional, através de oficinas

de artes plásticas, de dança, de escola de circo e dos movimentos inovadores da música popular, a exemplo de Chico Science. Pelo menos assim pensa Abelardo da Hora ao afirmar que "as entidades, oficiais precisam sair dos gabinetes, ir ao encontro do povo nas ruas, e essa tarefa poderia ser da Fundação de Cultura municipal".

O professor Paulo Rosas lembra que o movimento militar tentou alfabetizar adultos de forma convencional, sem favorecer a atitude crítica. Assim fez o Mobral, mas sem o alcance do MCP. Do outro aspecto creio que está na hora de favorecer as iniciativas existentes em favor de nossa cultura popular, mas não acho conveniente lançá-las a se organizarem de modo sistemático e controlado".